

Adrien Candiard

**ALGUMAS PALAVRAS
ANTES
DO APOCALIPSE**

Ler o Evangelho em tempo de crise



EDITORIAL A.O.

Título original

Quelques mots avant l'Apocalypse

Lire l'Évangile en temps de crise

© Les Éditions du Cerf, 2022

www.editionsducerf.fr

24, rue des Tanneries – 75013 Paris

ISBN 978-2-204-15202-0

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Na capa

Apocalypse

Albert Goodwin

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

519134/23

ISBN

978-972-39-0966-1

Agosto de 2023

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Introdução

Profissionalmente, não tenho grandes preocupações.

Sendo Irmão pregador e sacerdote católico, é evidente que não ignoro as crises que a Igreja atravessa nem o seu aparentemente incontrolável declínio numérico no Ocidente. Contudo, não nos tinham, porventura, repetido de forma incansável que as religiões prosperam graças aos desastres, à infelicidade, ao inexplicável? Por conseguinte, não me devo afligir. Se é verdade, como geralmente se diz, que a fé sempre conviveu bem com a ignorância, que a Igreja soube utilizar os medos, tirando partido da decomposição do Império romano ou das angústias associadas à peste negra, que aproveitou os terramotos ou as tempestades de granizo para culpar as multidões e as manter à sua mercê, explicando as catástrofes como castigo divino pelos pecados dos homens, quer dizer que, no plano profissional, como é óbvio, não me devo preocupar minimamente: eis que estão a chegar tempos favoráveis para os meus pequenos negócios; eis que vêm aí tempos difíceis para o mundo.

De resto, apesar do meu temperamento essencialmente otimista, talvez tenha algumas razões para estar inquieto. Filho da tranquila Europa, chegado à idade da razão quando o muro de Berlim se desmoronava e, com

ele, o risco palpável de destruição nuclear da humanidade, que fora o terror da geração dos meus pais, eu não tinha forçosamente o sentimento de estar a crescer num universo apaziguado: ouvia falar constantemente de crise económica, de desemprego, de escalada do racismo. A sociedade tinha as suas fraturas, as suas violências, as suas fragilidades, mas, pelo menos, era evidente, para mim, para todos aqueles que me rodeavam, que tínhamos ultrapassado um patamar para lá do qual estávamos abrigados dos males incompreensíveis do passado: a guerra, a fome, as epidemias não tinham, é certo, desaparecido completamente do planeta, mas apenas se manifestavam em regiões distantes, relíquias provisórias de um tempo felizmente já passado, com as quais a humanidade não sabia muito bem como lidar, de uma história que podia perfeitamente ser olhada com uma certa condescendência. Alguns já alertavam para as consequências que o nosso estilo de vida teria no clima, mas as previsões esboçadas pareciam dizer respeito a um futuro tão distante que mereciam apenas um olhar distraído, frente às sólidas interrogações do presente. Com um pouco daquela racionalidade científica que tanto faltara aos nossos antepassados, tínhamos encontrado os meios para dissipar as infelicidades de outrora e saberíamos fazer frente àquelas que se viessem a apresentar.

Foi precisamente esse mundo sólido e tranquilizante que colapsou no espaço de poucos anos, sob os golpes de improváveis espectros da Idade Média que julgávamos

exorcizados para sempre. Não preciso de longos discursos para recordar que os flagelos da humanidade, os cavaleiros do Apocalipse, frustrados por várias décadas de relativa inatividade, cavalgam mais alegremente do que nunca sobre o planeta no seu conjunto. Quando nos sentíamos orgulhosos de ter levado a bom termo, graças à nossa medicina, aliás, efetivamente notável, a interminável batalha que germes e micróbios milenares travavam contra nós, o mundo inteiro foi atingido por uma imobilidade assustadora, na tentativa de reduzir os efeitos mortíferos de um vírus tão novo como fulgurante. Mal parecíamos ter encontrado o meio de lidar o melhor possível com as suas múltiplas variantes, a guerra impôs-se de repente à nossa atenção, na sua versão mais grandiosa e mais brutal, aquela que roça o conflito mundial, fazendo pairar sobre nós a ameaça da destruição nuclear total. Perante tão jubilosas perspectivas, a penúria de energia e até de bens alimentares começa a fazer-se sentir mesmo nas sociedades da abundância, parecendo estar decidida a ficar por muito tempo, evocando os fantasmas dos grandes *crashes* económicos, que esperávamos terem desaparecido para sempre.

Perante cada uma destas crises, gostaríamos de acreditar que elas não passam de parêntesis, de breves interlúdios de instabilidade antes de nos ser devolvido o nosso mundo de antes, o mundo do progresso e da segurança. Contudo, um verão de seca recorde – em que falta água na Normandia ou nos Países Baixos, em que a nascente do Tamisa secou, em que dezenas de milhares de hectares

de floresta se desfazem em fumo –, vem recordar-nos que estamos a viver apenas as primícias das consequências de uma mudança climática que ainda há pouco tempo julgávamos, ingénuos, viria a ser certamente fatal para os ursos polares, mas pouparia as nossas latitudes temperadas. Começamos a compreender: as inundações mortíferas sucedem-se aos incêndios, os glaciares derretem, provocando a derrocada das montanhas, a produção agrícola cai, os territórios costeiros são tragados pelas águas, países inteiros transformam-se em desertos, tensões relacionadas com os recursos hídricos e alimentares fazem temer os conflitos mais implacáveis, aqueles em que as pessoas lutam pela sobrevivência. Em suma, todos nós pressentimos que as catástrofes ainda não chegaram ao seu termo. O mundo tornou-se imprevisível e inquietante.

A palavra crise parece demasiado fraca, à força de tanto a termos utilizado em épocas completamente alheias ao seu verdadeiro significado. Quando brinco com as minhas sobrinhas pequenas, durante as férias, entro por um instante na escola da sua alegre despreocupação; no entanto, mal termina o jogo das escondidas, no jardim da avó das meninas, amarelecido pela seca, não posso deixar de pensar com inquietação, não no mundo que elas herdarão, já adultas, mas naquele em que crescem atualmente, pres-sentindo que não será exatamente igual àquele em que eu tive a sorte de aprender a andar de bicicleta.

Ser cristão ou religioso não basta para apagar a minha inquietação perante esta irrupção do trágico – aliás, bas-

tante súbita – no nosso mundo ou, pelo menos, no meu universo. É evidente que não espero de Deus soluções mágicas para estas dificuldades pelas quais nós somos, pelo menos em grande parte, coletivamente responsáveis. Todavia, não ignoro que a fé cristã não nos deixa completamente desarmados perante a acumulação de tais catástrofes, propondo-nos, pelo contrário, recursos certamente subestimados e muito pouco tomados em conta pelos próprios crentes. É verdade que, à primeira vista, tais recursos têm algo de surpreendente. A Bíblia desenvolveu um género literário precisamente para os tempos de crise, o chamado género «apocalíptico», de uma palavra grega que significa «revelação» – visto que o intuito dos autores desses escritos é revelar os mistérios escondidos sob as aparências dos acontecimentos do mundo. Essa palavra pode meter medo e os textos apocalípticos ainda mais. Contudo, se eles são uma leitura para tempos de crise, então hoje, mais do que nunca, talvez seja o tempo propício para os lermos.

Este género literário, surgido nos últimos séculos antes da era cristã, é muitas vezes desconcertante: através de imagens geralmente grandiosas, cósmicas, por vezes atravessadas por monstros bizarros e por considerações numéricas incompreensíveis, pretende-se transmitir o segredo, a chave das crises experimentadas pela história dos homens. Textos apocalípticos, encontramos-os ao longo de toda a Bíblia: nos livros mais tardios do Antigo Testamento, como o de Daniel, e em muitos livros do Novo,

a começar, naturalmente, pelo último da Bíblia cristã, de interpretação claramente difícil, que surge como o culminar desse género, a ponto de ser designado como «o livro do Apocalipse». Todavia, também se encontram expressões apocalípticas nos quatro Evangelhos, esses relatos da vida de Cristo que no-las apresentam como tendo saído da própria boca de Jesus e que nos transmitem um longo discurso, claramente apocalíptico, tão numerosas são as vezes em que retoma esses temas: a espera impaciente do fim do mundo, uma visão histórica de dimensões universais, o anúncio de catástrofes, um ambiente dramático.

O Evangelho de Marcos, sem dúvida o mais antigo dos quatro, consagra a esse tema o capítulo 13, no seu conjunto. É o único verdadeiro discurso de Jesus que Marcos, de estilo sóbrio e denso, julgou necessário transmitir-nos: em qualquer outra circunstância, uma ou duas frases do Mestre pareciam suficientes, mas era necessário guardar uma memória mais precisa, mais completa do ensinamento de Cristo em relação ao fim dos tempos. Os outros evangelistas retomarão este discurso, acrescentando alguns pormenores, mas Marcos esforça-se por ir sempre ao essencial.

Jesus, que tinha subido a Jerusalém para a festa da Páscoa, fora acolhido com alegria pela multidão aquando da sua entrada na cidade, alguns dias antes, mas a tensão com as autoridades religiosas e políticas da sua época está ao rubro. O seu ensinamento na Cidade Santa é marcado por um sentimento de urgência: Cristo sabe que será preso

dentro de poucos dias, torturado e condenado à morte. Não há tempo a perder. A cruz já estende a sua sombra trágica sobre a Boa Nova, mais necessária ao mundo do que nunca. No Templo, os seus inimigos tentam apanhá-lo em flagrante, interrogando-o sobre o imposto devido a César, sobre a possibilidade da ressurreição ou sobre o maior dos mandamentos, acumulando polémica sobre polémica. Jesus responde, sem se deixar desestabilizar, mas o seu olhar já está fixo noutra lugar: convida os discípulos a prestar atenção à oferenda feita por uma pobre viúva. Naquele dia, é o que há de mais importante para ver.

Os discípulos, porém, não se deixam instruir facilmente, preferindo deter-se a contemplar um espetáculo mais imponente:

Quando saía do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: «Olha, Mestre, que pedras e que construções!». Jesus disse-lhe: «Vês estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada»¹.

Esta estranha sentença que anuncia a destruição do Templo ou que, pelo menos, proclama a sua fragilidade – como tudo neste mundo destinado a passar –, impressiona os discípulos. Sentados com Jesus no monte das Oliveiras, diante do Templo, continuando a admirar a majestade do santuário assim condenado, quatro deles, dentre os mais

¹ Evangelho segundo São Marcos, capítulo 13, versículos 1 e 2.

próximos, os primeiros quatro a serem chamados, dois pares de irmãos, André e Pedro, Tiago e João, todos eles pescadores no mar da Galileia convidados, certa manhã, a deixar as redes, interrogam Jesus sobre essas suas palavras enigmáticas e inquietantes relativas ao Templo:

«Diz-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá de que tudo isto está para acabar?»²

Pergunta legítima, necessária, frente a tão assustadora predição. No entanto, Jesus, como é seu hábito, não dá uma verdadeira resposta. Em vez de entrar em pormenores, alarga os horizontes. Qual o sinal de que «tudo isto» está para acabar? Jesus finge compreender que os discípulos não estão a falar do Templo, mas do universo; que «tudo isto» é «tudo», pura e simplesmente, é o mundo inteiro. É então que faz aos seus quatro discípulos um longo discurso apocalíptico, que já não se referirá ao Templo, sujeito inicial da sua pergunta.

Jesus começou a dizer-lhes: «Vede que ninguém vos engane. Virão muitos em meu nome, dizendo: “Sou eu”; e enganarão muitos. Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos alarmeis; porque importa que estas coisas aconteçam, mas não será ainda o fim. Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. Haverá

² Versículo 4.

terramotos em diversas partes e fomes. Estas coisas serão o princípio das dores.

Estai alerta! Não de entregar-vos aos tribunais, sereis açoitados nas sinagogas, por minha causa sereis levados diante dos governadores e dos reis, para dar testemunho de mim diante deles. Mas, antes, deve ser pregado o Evangelho a todas as nações. Quando, pois, vos levarem para vos entregar, não premediteis no que haveis de dizer, mas dizei o que vos for inspirado nessa hora, porque não sois vós que falais, mas sim o Espírito Santo. Então, o irmão entregará à morte o seu irmão e o pai entregará o filho; os filhos levantar-se-ão contra os pais e lhes darão a morte. Sereis odiados por todos, por causa do meu nome. Mas o que perseverar até ao fim, esse será salvo»³.

Após este anúncio das primeiras dores do parto, que passarão por guerras, terramotos e situações de fome, mas também, para os cristãos, por terríveis perseguições, Jesus descreve um acontecimento misterioso, mas temível, que aparentemente se deverá abater sobre a Judeia e que será designado pelo termo «tribulação»:

«Quando, pois, virdes a abominação da desolação instalada onde não devia estar – que o leitor compreenda! – então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes, quem estiver sobre o telhado não desça nem entre para le-

³ Versículos 5 a 13.

var coisa alguma de sua casa; e quem se encontrar no campo, não volte atrás a buscar o seu manto. Ai das mulheres grávidas e das que tiverem crianças de peito naqueles dias! Rogai, pois, que não suceda isto no inverno. Porque, naqueles dias, haverá tribulações como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou, até agora, nem haverá mais. E se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma pessoa se salvaria; mas Ele os abreviou, em atenção aos eleitos que escolheu. Então, se alguém vos disser: “Eis, aqui está o Cristo, ei-lo acolá”, não deis crédito. Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas e farão milagres e prodígios para enganar, se possível, até os escolhidos. Estai, pois, de sobreaviso, eis que Eu vos predisse tudo»⁴.

Este acontecimento desconhecido, que será acompanhado pela vinda de falsos profetas, assumirá então dimensões cósmicas, que anunciam o fim:

«Naqueles dias, depois daquela tribulação, o Sol escurecer-se-á e a Lua não dará a sua claridade, e as estrelas cairão do céu e as potestades que estão nos céus serão abaladas. Então, verá o Filho do Homem vir sobre as nuvens, com grande poder e glória. E enviará logo os seus anjos e juntará os seus escolhidos dos quatro ventos, desde a extremidade da terra até à extremidade do céu»⁵.

⁴ Versículos 14 a 23.

⁵ Versículos 24 a 27.

A este anúncio grandioso do regresso do Filho do Homem, Jesus acrescenta duas pequenas parábolas, muito ao seu estilo. A primeira está associada à agricultura, ao campo, aos frutos:

«Ouvi uma comparação tirada da figueira: quando os seus ramos estão já tenros e as folhas brotam, sabeis que está perto o verão; assim também, quando verdes acontecer estas coisas, sabeis que está perto, às portas. Na verdade vos digo que não passará esta geração sem que se cumpram todas estas coisas. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar. A respeito, porém, desse dia ou dessa hora, ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas só o Pai»⁶.

Depois Jesus conclui com uma segunda parábola, chamando os seus discípulos à vigilância:

«Estai de sobreaviso, vigiai, porque não sabeis quando será o momento. Será como um homem que, empreendendo uma viagem, deixou a sua casa, delegou a autoridade aos seus servos, indicando a cada um a sua tarefa, e ordenou ao porteiro que estivesse vigilante. Vigiai, pois, visto que não sabeis quando virá o senhor da casa, se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo de repente, não vos encontre a dormir. O que vos digo a vós, digo-o a todos: vigiai!»⁷

⁶ Versículos 28 a 32.

⁷ Versículos 33 a 37.

Esta longa página do Evangelho mereceria amplos comentários, tal é a sua riqueza de alusões e citações. Vai buscar várias imagens ao livro de Daniel, um livro bastante tardio do Antigo Testamento, atribuído ao profeta do mesmo nome, com numerosos acentos apocalípticos; é, nomeadamente, a uma visão desse livro que Jesus vai buscar aquela misteriosa denominação messiânica pela qual se designa a si próprio ao longo do seu ensinamento, «o Filho do Homem»: um modo de se apresentar como o enviado de Deus, aquele que é chamado o Messias. Contudo, não tenho a ambição de propor, neste pequeno livro, um comentário exaustivo, que exigiria a busca das correspondências, a localização das estruturas literárias e a identificação das harmonias bíblicas encerradas em cada palavra. Isso já foi feito por biblistas muito mais competentes do que eu. O meu projeto é mais modesto: propor, simplesmente, a leitura deste discurso de Jesus. Pois, curiosamente, quando deveríamos prestar ouvidos a Jesus que nos fala de guerras, de epidemias, de fome e de catástrofes naturais, quando temos mais necessidade do que nunca de procurar ajuda e sentido para a vida, preferimos, a maior parte das vezes, saltar esta página e procurar, no Evangelho, versículos mais luminosos. É verdade que, à primeira vista, este discurso apocalíptico carece de alegria; reconheçamos, porém, que a nossa atualidade também não é alegre. E o paradoxo da Boa Nova consiste em que talvez precisemos de aceitar falar um pouco do fim do mundo para reencontrarmos, neste mesmo mundo, um toque de esperança.

Índice

Introdução	9
1	23
2	37
3	53
4	65
Conclusão	77
Agradecimentos	85